

MEDICINAS ALTERNATIVAS, HOMEOPATIA E CIÊNCIA MÉDICA

J. MARTINS E SILVA

Instituto de Bioquímica. Faculdade de Medicina de Lisboa. Lisboa.

RESUMO

É apreciado o potencial impacto e credibilidade das medicinas alternativas, em que se inclui a homeopatia, nas sociedades como a portuguesa. Observações recentes publicadas em jornadas científicas de renome originaram celeuma e exigências por mais objectividade e capacidade crítica. De acordo com verificações posteriores, concluiu-se que os resultados fundamentados nos princípios da homeopatia são presentemente inexplicáveis, não têm base física e constituem uma mistura de imaginação e efeitos mágicos. Também as medicinas alternativas, no seu todo, constituem um risco potencial para a saúde das populações e cuidados médicos particularmente requeridos por doentes em estado mais crítico, que exigem recursos avançados da medicina científica. São recomendações finais a promoção de melhor nível educacional das populações, melhor preparação do pessoal médico, e maior compreensão e difusão correcta dos problemas, dificuldades e progresso médico pelos meios de informação.

SUMMARY

Alternative therapies, homeopathy and medical science

This article briefly reviews the impact of regularly promoted alternative therapies within portuguese society. The origins, attractions and acceptance of alternative therapies, homeopathic included, are discussed. Recent homeopathic studies published in renowned scientific journals provoked comments and reports claiming for more objective explanations and better criticism. Accordingly, homeopathy is presently an unacceptable system with no physical basis, supported by inexplicable observations and a mixture of magic effects. Also alternatives therapies may provide an area of conflict with health and medical care, particularly in most severe diseases that require advanced resources of orthodox medicine. Improved education of the population, more qualified medical personal, and better understanding of medical problems, difficulties and progress by the media are final recommendations.

INTRODUÇÃO

Anualmente no fim do Verão e com notável regularidade na imprensa, rádio e televisão de há alguns anos a esta parte, é notícia de primeira página a realização em Trás-os-Montes de um *Congresso das Medicinas Populares*. Ainda de acordo com os *media*, participam naquela reunião celebrizadas figuras regionais, entre padres, curandeiros médicos e (genericamente) anunciadas delegações das Universidades *Velhas e Novas* do país. Estas reuniões são, pelas notícias recolhidas, um verdadeiro acontecimento, quicá mais divulgado e digno de menção, senão mesmo de credibilidade, que os numerosos congressos, simpósios e reuniões médicas que ocorrem (também) anualmente em Portugal, organizados pela medicina ortodoxa (ou científica). O entusiasmo pelas medicinas alternativas já mereceu, inclusivamente, propostas e apoios para o seu ensino formal em Faculdade própria.

Chegados a esta dimensão de facto social e noticioso, haverá lugar para algumas reflexões indispensáveis sobre as causas e justificações da aparente popularidade que as medicinas alternativas vêm registando entre nós.

O problema poder-se-á equacionar simplificadaamente nas seguintes posições: São as medicinas alternativas realidades com base científica ou, pelo contrário, representam um embuste que explora a credibilidade de uma camada populacional acrítica, física e/ou socialmente desesperada?

ORIGENS E CREDIBILIDADE DAS MEDICINAS ALTERNATIVAS

Há alguns anos atrás a Comissão de Ciência da Associação Médica Britânica foi convidada a pronunciar-se sobre as

terapêuticas alternativas conhecidas, comparando-as às da medicina científica¹. Entre as práticas analisadas incluíam-se os remédios de ervas, a acupunctura, a homeopatia, a hipnose, a osteopatia e a quiroprática, entre outras técnicas mais bizarras como a iridologia e a terapêutica da cor. Na sequência de uma análise histórica sobre o desenvolvimento da medicina e os progressos registados na identificação, diagnóstico, medidas preventivas e terapêuticas de inúmeras doenças comuns, o relatório sublinhava a supremacia da medicina científica sobre técnicas que, por vezes, não seriam mais do que superstições, magias e a exploração do sobrenatural. Eram ressalvados os efeitos analgésicos de alguns tipos de acupunctura, as possibilidades da hipnose da terapêutica de manipulação e da osteopatia, desde que praticadas sob controlo e treino médicos. Porém, a homeopatia era desqualificada de aplicação médica, por ausência de bases racionais.

O conceituado *British Medical Journal* salientava em editorial as fraudes, a falta de escrúpulos e o espírito mercantilista como características condenáveis de uma indústria de enriquecimento rápido em que se haviam transformado algumas terapêuticas alternativas². Para o evitar, propunha que os homeopatas e os outros terapeutas estabelecidos definissem claramente se aceitavam, ou não, os fundamentos etiológicos e patogénicos das doenças comuns ou se, em alternativa, apresentavam uma filosofia própria comprovada. Em qualquer dos casos, a definição requerida teria de abranger soluções e terapêuticas para todas as situações (e não só para algumas, aquelas em que a medicina ortodoxa está limitada a medidas sintomáticas), além de poder confirmar a eficácia do tratamento, sem margem para dúvidas.

Em certa medida, as medicinas alternativas confundem-se com as preocupações e soluções que o homem tem tido e

desenvolvido ao longo da sua história. As soluções eram empíricas, baseadas nos recursos locais disponíveis e na experiência adquirida com a sobrevivência. As preocupações reflectiam as angústias perante o meio desconhecido e hostil e as necessidades de protecção física e psíquica. Uma e outras terão de ser consideradas etapas naturais (e mesmo indispensáveis) ao que se entende pelo progresso e estado actual do desenvolvimento da sociedade moderna.

Essas etapas continuam no auge em múltiplos recantos do globo terrestre, naquelas áreas mais remotas em que o homem ainda pratica o canibalismo ou, embora mais humano, acredita que o seu destino é governado pelos astros e a sua saúde está entregue ao feiticeiro da tribo. Num estádio mais avançado, as terapêuticas não-convencionais são reconhecidamente úteis em países em fase de desenvolvimento e, por isso, incentivadas (ainda) pela Organização Mundial de Saúde³.

No enquadramento das sociedades industrializadas, educadas cientificamente nas diversas áreas de conhecimento disponível, aquelas atitudes e soluções não serão racionais nem aceitáveis pela generalidade da população. Do mesmo modo, o homem moderno dispõe de uma medicina que se fundamenta na ciência e que, por isso, reduziu ao mínimo as doenças bacterianas que antes devastavam continentes, e prolongou a expectativa de vida além dos 70 anos de idade média. Estas e outras razões igualmente válidas têm sido reconhecidas pelas populações que entregam a sua saúde e a esperança pela cura das suas doenças ao cuidado da medicina tradicional. Os hospitais e centros de saúde multiplicam-se pelas áreas mais industrializadas e penetram profundamente nas zonas mais remotas do planeta. É uma tendência tão natural e bem aceite como o foi a luz eléctrica e a água canalizada nas habitações.

Será difícil encontrarem-se motivos de recusa (que não sejam económicos ou religiosos), ou populações que não desejem aquele progresso primário de condições de vida, continuando a preferir a iluminação por velas ou a retirar água do poço. Igualmente, parece complicado justificar a preferência pelas medicinas alternativas perante as demonstrações exuberantes do desenvolvimento, capacidades técnicas e benefícios comprovados da medicina científica.

Paradoxalmente, as medicinas alternativas são invocadas como recurso a uma cura que tarda, ou em desespero de causa. Eventualmente, serão a primeira escolha em situações particulares de isolamento ou de sub-desenvolvimento comunitário.

Algumas terapias serão inofensivas, outras úteis e eficazes. Algumas constituem os primórdios de práticas médicas que foram aceites e consagradas pelo uso após desenvolvimento adequado como, por ex., a técnica de redução e correcção de luxações e fracturas ósseas, ou o tratamento de feridas com ervas e outros unguentos naturais.

Porém, outras práticas alternativas terão efeito placebo ou serem até prejudiciais.

São do conhecimento comum os múltiplos chás de ervas para os mais diversos efeitos e doenças, comercializados abertamente nas herbanárias ou transaccionados em múltiplos locais espalhados pela província, onde demandam multidões de clientes (ou crentes) esperançados. Há razões para afirmar que alguns desses remédios de ervas serão contra-indicados ou tóxicos em determinadas situações clínicas. Os exorcismos e outras *cerimónias* dirigidas a mentes perturbadas, algumas praticadas em sessões mediáticas colectivas, em que não é esquecida a menção a cura milagrosas confirmadas (medicamento), são parte do mesmo problema.

Que verdade há nos resultados divulgados e que consequências negativas ou frustações não são comprovadas nem referidas, a posteriori?

Este tipo de situações tem sido particularmente vivido por doentes cancerosos que, em fase terminal da doença, aderem

às terapêuticas alternativas². Face à progressão da doença, e contrariando o optimismo dos terapeutas pela designada *técnica psicológica da visualização*, os doentes desenvolvem depressões e culpam-se por não terem tido suficiente *vontade de vencer* o tumor. Outras terapêuticas também utilizadas naquelas situações, como os regimes dietéticos (dispendiosos e sujeitos a restrições) e psicoterapia de grupo terão resultados igualmente frustrantes ou mesmo prejudiciais.

Este tipo de situações tem sido particularmente vivido por doentes cancerosos que, em fase terminal da doença, aderem às terapêuticas alternativas². Face à progressão da doença, e contrariando o optimismo dos terapeutas pela designada *técnica psicológica da visualização*, os doentes desenvolvem depressões e culpam-se por não terem tido suficiente *vontade de vencer* o tumor. Outras terapêuticas também utilizadas naquelas situações, como os regimes dietéticos (dispendiosos e sujeitos a restrições) e psicoterapia de grupo terão resultados igualmente frustrantes ou mesmo prejudiciais.

Em qualquer dos casos haverá resultados positivos que confirmam a excepção, e que terão justificação científica imediata ou futura.

A maioria, porém, não é mais do que falsos positivos ou efeitos-placebo, contudo aceites por extractos de populações que neles continua a depositar a sua confiança ou, mais exactamente, a sua *crença*.

Em estudo limitado a uma faixa de população inglesa, foi verificado que os terapeutas não-médicos (cerca de 12 por 100.000 habitantes, equivalendo a 27% do total de clínicos gerais da região) eram preferencialmente consultados por mulheres (jovens e de meia-idade, de classes sociais elevadas)⁴.

O problema das medicinas alternativas não é o existirem mas sim, onde e quando persistem em existir.

OS PARADOXOS DA HOMEOPATIA

A crença das populações pelos remédios naturais tem recolhido apoio e constitui mesmo o fundamento da actividade profissional de um sector restrito de licenciados em medicina que se reclamam especialistas em homeopatia. Na ausência de estatísticas credíveis, admite-se que estes profissionais médicos sejam apenas uma fracção mínima de todos os terapeutas de medicinas alternativas, entendendo-se como tal todos os que se dispõem a diagnosticar e tratar, directamente e sem qualificação credenciada, o público que o deseje.

A homeopatia foi criada pelo médico alemão Samuel Hahnemann há cerca de dois séculos. Simplificadamente, pretendia tratar as doenças com o *vitalismo* e pela administração de substâncias que provocavam sintomas idênticos no indivíduo saudável. O vitalismo (espírito da pessoa em tratamento) ao misturar-se com a solução administrada, participaria na cura. Com base da terapêutica homeopática, era ponto assente a utilização de soluções que, de tão diluídas, deixavam de ter moléculas activas.

Estes princípios básicos, ainda hoje respeitados, são reforçados pelo efeito potenciador atribuído à agitação (*sucussão*) das soluções homeopáticas, antes de utilizadas.

Na perspectiva dos conhecimentos actuais estes resultados são inaceitáveis.

A consulta dos dados epidemiológicos antes e depois da descoberta das sulfonamidas e das penicilinas permite ter bastantes reservas sobre os resultados que a homeopatia ainda reclama. O progresso da medicina tradicional atingiu o patamar molecular. Brevemente, com a identificação completa do genoma humano, haverá possibilidade de intervenção a nível de genes anormais, em conjunto com terapêuticas dirigidas a moléculas com defeitos estruturais ou enzimáti-

cos. A menos que se revogue a Lei de Acção das Massas, entre outros conceitos fundamentais que constituem o suporte racional e princípios da Medicina Ortodoxa, haveria a admitir que os efeitos das interações entre substâncias correctoras e substâncias a corrigir derivam da colisão entre moléculas reais e o *nada* (ou só vitalismo).

Dois exemplos recentes ilustram esta posição e a efervescência que provocaram no meio médico. No primeiro⁵ era sugerida a intervenção de forças vitais para explicar o efeito de uma solução preparada para prevenção da rinite alérgica pela febre-dos-fenos; a solução utilizada fora diluída 30 vezes e não tinha substância activa detectável. Mais recentemente⁶ foi publicado na considerada revista *Nature* um trabalho sobre a desgranulação de basófilos humanos com soluções muito diluídas de antisoro contra a IgE. Foi referido que a actividade biológica era preservada em diluições que excluíam a virtual existência de uma só molécula da substância activa; adicionalmente, eram descritas flutuações rítmicas da actividade, conforme as diluições utilizadas. Os Autores não hesitaram em sugerir que a molécula do anticorpo diluído na água deixavam marcas indeléveis (da respectiva estrutura molecular) nessa solução aquosa. Este trabalho suscitou um editorial no número da revista que publicou o artigo, a recomendar aos leitores ponderação nas interpretações⁷, além de argumentações ásperas e a posterior rejeição dos resultados por outro grupo de observadores⁸.

IMPACTO SOCIAL

Na ausência de resultados comprovados cientificamente e perante as actuais capacidades da medicina tradicional, como explicar a difusão e exercício da homeopatia por profissionais treinados de acordo com os métodos e conceitos da medicina ortodoxa, bem como a aceitação desses métodos pelos doentes que os consultam?

A homeopatia — que afinal, deverá ser entendida como uma modalidade sofisticada das medicinas alternativas, — constitui um movimento com algum significado na Europa e Estados Unidos da América do Norte. Perante as razões apontadas, a persistência desse movimento será um paradoxo, — sem razões científicas, mas com crenças e cultores — que suscita interrogações.

Em artigo recente⁹, Beaven analisou o impacto da homeopatia na Nova-Zelândia, considerando-a um perigo potencial e uma burla cruel. De modo muito crítico atribuiu a difusão e a aceitação da homeopatia (e outras formas de medicinas alternativas, incluindo a naturopatia) a duas condições inerentes ao meio:

- a) Minorias vulneráveis (imigrantes, jovens, crédulos, aculturados)
- b) Profissionais médicos com deficiente preparação ética e baixo espírito crítico.

Mais concretamente, a aceitação acrítica das medicinas alternativas por alguns dos clínicos neo-zelandeses seria consequência directa de um ensino médico com escassa componente científica e falta de fundos para a investigação básica. Curiosamente, estas razões têm constituído motivo de crescentes reclamações por parte dos responsáveis directos pela educação médica em Portugal, em particular pelos professores das ciências básicas de medicina.

A admitir esta justificação — e não haverá motivo aparente para o não fazer — poder-se-á afirmar que a ignorância das populações e o escasso investimento da componente científica (básica) na educação médica, constituem condições favoráveis à difusão de práticas médicas obsoletas sem con-

firmação científica e/ou eventualmente prejudiciais à saúde de minorias crédulas e/ou desesperadas.

Uma outra explicação mais simples para a aceitação dos remédios recomendados pelos homeopatas e terapeutas das medicinas alternativas poderia residir num conjunto de factores psicológicos assentes na relação *curador-doente*^{5,10}. Seria afinal, a preservação do vínculo tradicional médico-doente que, embora constituindo a base de todo o acto médico, tem vindo a perder importância relativa com o avanço e a aplicação de novas tecnologias médicas, impessoais, e os esquemas burocratizados de prestação de cuidados de saúde à população.

O doente, habituado a que a medicina científica dê solução aos seus males mais agudos, tende a desesperar com a falta ou atraso na cura de situações cada vez mais crónicas ou irreversíveis.

Por esse motivo, ou por estar carenciado do suporte psicológico perante a sua doença, procura quem o escute com atenção, converse demoradamente consigo sobre o seu *caso* e lhe transmita a sua fé nos remédios que aconselha.

Ainda que a evolução de qualquer ciência se afigure linear e sem discontinuidades relevantes, na realidade parece desenvolver-se com variações bruscas ou revoluções de ideias e metodologias, a que Kuhn¹¹ chama *paradigmas*. A história da ciência médica revela múltiplos exemplos da evolução por paradigmas, uns ainda em vigor, outros caídos em desuso.

As *verdades* científicas vão sendo substituídas por outras *verdades* mais plausíveis no momento. Há no entanto, em comum, um suporte de conhecimentos e leis básicas que permitem a evolução racional da medicina ortodoxa.

Aceitar a *verdade* proposta pelos homeopatas representa a negação ou minimização extrema dos conceitos bioquímicos, fisiológicos e farmacológicos que fundamentam a medicina científica. Equivale a substituir o que existe pelo que se afigura existir, mas não se demonstra.

Parafrazeando um editorial recente da *Nature*⁷, de momento não há suporte físico e científico para os resultados publicados por Reilly e cols⁵ e pelo grupo de Benveniste⁶, entre outros.

Por conseguinte, não há justificação racional para extrapolar à prática médica tradicional os métodos propostos pela homeopatia.

CONCLUINDO

A amplitude da difusão nacional e acolhimento público das medicinas ditas *populares ou alternativas*, assim como a disponibilidade da prática homeopática a um leque mais sofisticado de utilizadores, serão factos inevitáveis em qualquer sociedade tolerante a virtualmente todas as culturas e diferenças, mesmo que algumas dessas práticas sejam formas declaradas de exercício ilegal de Medicina e que, apenas por isso, justifiquem a intervenção das organizações médicas convencionais. Todavia, este outro aspecto é aqui acessório.

O que surpreende — e preocupa — é que essa difusão possa ainda ser, em Portugal, tão acrítica, passível de interpretações erróneas e geradora de confusões pouco dignificantes com o que se entende por Medicina.

Já dizia Tácito que *tudo o que é desconhecido é tido por magnífico*. Porém, não será esta a realidade na situação em causa. A comunidade médica tradicional terá de ser afirmativa na defesa de conceitos em que acredita, e pelos quais protege a saúde e trata dos seus doentes. De outra forma, a passividade colectiva consagrará a negação da medicina científica e a aceitação das práticas primitivas, incongruentes e/ou fraudulentas.

A correcção destas anomalias socio-culturais passa por três vertentes:

(i) Melhoria do nível educacional das populações, (ii) fomento da informação junto dos **média**, possibilitando a abordagem de temas médicos com perspectivas mais correctas e socialmente exigentes e (iii) preparação crítica dos profissionais médicos face às alternativas terapêuticas referenciadas.

A responsabilidade directa da medicina científica passa por duas questões principais: primeiro, é essencial aumentar a componente básica e experimental da formação pré-graduada das Faculdades de Medicina, re-adaptando o actual sistema de educação médica aos estados de desenvolvimento actual e futuro; em segundo lugar, a componente humana da relação médico-doente e os aspectos psicológicos que se lhe associam justificam atenção particular, evitando que o progresso científico e tecnológico da medicina científica seja potencialmente gerador de tecnocratas médicos.

A Ciência avança por pequenos passos, alguns mais seguros que outros, que são os *factos* e as suas *verdades*. Poincaré um dia afirmou que *a ciência é construída de factos, tal como uma casa o é de pedras; porém, uma colecção de factos não faz uma ciência, tal como um monte de pedras também não é uma casa.*

A história demonstra que a medicina científica progrediu bastante (particularmente no último século), em passos seguros e *verdades confirmadas e progressivamente melhoradas*, para fazer esquecer os comentários mordazes de Voltaire, de que *os médicos enchem o corpo humano (de que pouco sabem) com medicamentos de que não sabem nada.*

Nessa analogia, as ditas *medicinas populares ou alternativas* não serão mais do que *pedras* isoladas em que acredita quem quer, mas que, certamente não constituem argumentos orientadores da Sociedade de que se pretende evoluída.

BIBLIOGRAFIA

1. British Medical Association: Report on alternative medicine. Lancet 1986; 1: 1223.
2. Editorial: A false phoenix. Brit Med J 1985; 291: 1744-1745.
3. BANNERMAN R.H., BURTON J., WEN-CHIEH C.: Traditional medicine and health care coverage. World Health Organization, Geneva, 1983.
4. FULDER S.J., MUNRO R.E.: Complementary medicine in the United Kingdom: patients, practitioners and consultation. Lancet 1985; 2: 542-545.
5. REILLY D.T., TAYLOR M., MCSHARRY C., AITCHISON T.: Is homoeopathy a placebo response? Controlled trial of homoeopathic potency with pollen in hayfever as model. Lancet 1986; 2: 881-885.
6. DAVENAS E., BEAUVAIS F., AMARA J., OBERBAUM M., ROBINZON B., MIADONNA A., TEDESCHI A., POMERANZ B., FORTNER P., BELON P., SAINTE-LAUDY J., POITEVIN B., BENVENISTE J.: Human basophil degranulation triggered by very dilute antiserum against IgE. Nature 1988; 333: 816-818.
7. Editorial. When to believe the unbelievable. Nature 1988; 333: 787.
8. MADDOX J., RANDI J., STEWART W.W.: "High dilution" experiments a delusion. Nature 1988; 334: 287-290.
9. BEAVEN D.W.: Alternative medicine a cruel hoax-your money or your life? N. Z. Med. J. 1989; 102: 416-417.
10. Editorial. Alternative medicine. Lancet 1986; 2: 116-117.
11. KUHN T. S.: The Structure of the Scientific Revolution, 2ª ed., Univ. Chicago Press, Chicago, 1970.

Pedido de Separatas:

J. Martins e Silva

Instituto de Bioquímica

Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

1600 Lisboa

Ter carro é razão para alarme

É razão, sobretudo, para ter o melhor alarme.

Porque o alarme THE MASTER GUARDIAN utiliza um sofisticado micro-computador Texas Instruments que assegura uma fiabilidade óptima e permite uma enorme diversidade de importantes funções:

Ligação automática em caso de esquecimento; auto-diagnóstico permanente; sistema anti-sabotagem; memória; possibilidade de anulação temporária da protecção do habitáculo através do telecomando; circuito de ultrasons

com cristal de quartzo; 2 telecomandos miniaturizados (tecnologia SMT); possibilidade de utilização mesmo sem telecomando;

aviso de utilização indevida do telecomando; etc.

E ainda certificado de seguro automático e gratuito (Garantia Seguros).

THE MASTER GUARDIAN. O mais recente e evoluído sistema de protecção do veículo. Cómodo e fácil de utilizar. É o melhor investimento que o seu carro merece.

ALARM

THE MASTER GUARDIAN
MADE IN PORTUGAL A.J.FONSECA, LDA

Oráculo



Comércio de Equipamentos de Electrónica, Lda.

R. do Figueiredo 10-A (A Belém) 1400 LISBOA — Tel.: 64 41 56

AJF

A.J.FONSECA, LDA

R. Barão Forrester, 801 — 4000 PORTO

Tel. (02) 81 89 18 - 81 46 54 — Fax (02) 82 59 16